

Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder,

Byung-Chul Han¹

*Harley F. Viana
Isabella C. Santos
Patrícia M. Mendes*

Em “*Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*”, Byung-Chul Han apresenta uma compreensão sobre o neoliberalismo contemporâneo. De acordo com Han, essa nova doutrina socioeconômica possui uma forma sutil de controle e disciplina que explora a psique humana e a torna capaz de substituir as sensações e sentimentos de dor e sofrimento por aquelas de pertencimento social e liberdade.

O primeiro capítulo do livro, “*Crise da Liberdade*”, inicia-se afirmando que a “liberdade terá sido episódica” (Han, 2018, p. 9) visto que uma nova forma de sujeição foi instaurada logo após o sentimento de libertação. Nos dias atuais, o indivíduo que acredita estar livre se submete a um processo de auto exploração guiado pela obrigação de desempenho e otimização. Desse modo, o sujeito do desempenho é ao mesmo tempo seu próprio senhor e servo. Ao jogar com a exploração da liberdade, o novo regime neoliberal se configura como um sistema infreável e engenhoso. Enquanto as pessoas estão em constante produção e competição, o capital se reproduz de maneira desenfreada.

A ideia de que a contradição entre forças produtivas e relações de produção só pode ser superada por meio de uma ordem social comunista, conforme suposto por Marx, é refutada por Han. Sob o olhar do autor, o capitalismo foi muito inteligente ao se desenvolver

¹ HAN, Byung-Chul. (2018) *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2018. Livro de 124 pp. ISBN 978-859-264-939-5.

para o neoliberalismo e capitalismo financeiro. Portanto, não foi a ordem comunista que suprimiu a exploração alheia da classe trabalhadora e sim o próprio sistema capitalista. Hoje, cada trabalhador é um empreendedor que explora a si mesmo, fazendo com que a luta de classes passe a ser uma luta interior consigo mesmo. Como consequência, a tal sociedade que se diz livre, bem-sucedida e feliz vivencia uma onda de sintomas patológicos relacionados às doenças psíquicas como depressão e *burnout*².

Outro dispositivo neoliberal abordado por Han é a ditadura da transparência. Usufruindo-se da sensação de liberdade do ser, a psicopolítica neoliberal consegue gerar um efeito de conformidade com o qual o próprio questionamento do poder disciplinar se torna impossível. É como se cada um vigiasse o outro antes de qualquer vigilância e controle por serviços secretos. Ao intervir na psique humana, a psicopolítica consegue explorar a instabilidade da emoção e ao mesmo tempo desinteriorizar o indivíduo. Dessa forma, o panóptico digital, agindo de forma obscura, permite a criação de um banco de dados sobre padrões coletivos de comportamento que são utilizados na manutenção do controle, disciplina e incentivo ao consumo.

No segundo capítulo, “*O poder inteligente*”, Han alega que o poder atualmente tem se passado por liberdade. A substituição de um poder disciplinar, que age na opressão, por um poder inteligente e permissivo foi necessária dado que o neoliberalismo se apoia na positividade. Soma-se a isso, o fato do poder disciplinar não conseguir penetrar nas camadas mais profundas do inconsciente. Esse poder sedutor vai ao encontro do indivíduo, convidando-o à interação e ao engajamento com o público. Com essa perspicácia, ele não é posto em evidência, o que faz com que ele seja mais poderoso do que o poder repressor.

Em “*O dilema de Foucault*”, Han questiona o estudo de Foucault, realizado ao final da década de 1970, ao perceber que a sociedade disciplinar de vigiar e punir não mais refletia, de forma exata, o seu tempo. Foucault relaciona abertamente a biopolítica à

² Distúrbio psíquico caracterizado por um estado de tensão emocional e estresse crônicos provocado por condições físicas, emocionais e psicológicas desgastantes.

forma disciplinar do capitalismo. Ou seja, na forma produtiva o corpo é a realidade biopolítica. O “corpo dócil” apresentado por Foucault deu lugar ao corpo sexy e fitness. A intervenção ortopédica deu lugar a intervenção estética. Hoje, as pessoas passaram a não usar somente a força corporal como forma de trabalho e deram espaço a psique como forma produtiva. Para Han, em vez de superar as resistências corporais, os processos psíquicos e mentais são otimizados visando o aumento da produtividade. Ainda como consequência dos processos psíquicos e mentais, o sujeito neoliberal de desempenho constrói o conceito de “empresário de si mesmo” onde ele se explora voluntariamente e apaixonadamente.

O sexto capítulo, “*A cura como assassinato*”, apresenta o ser humano como objeto de total exploração. Não se limitando a jornada de trabalho. De acordo com Han, a psicopolítica neoliberal inventa formas cada vez mais refinadas de exploração como workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional que prometem a otimização pessoal e o aumento da eficácia sem limites. Com isso vivemos a era do esgotamento a partir da exploração da psique. Essa era é acompanhada de doenças mentais como a depressão e o *burnout*.

No próximo capítulo, “*Choque*”, o autor trata da *doutrina de choque*³ trabalhada por Naomi Klein e Milton Friedman. Ambos utilizavam o tratamento de choque como forma de fazer o ser humano voltar ao estado de saúde natural, sem interferências humanas, para que pudessem ser reescritos da forma “correta”. A terapia de choque é uma técnica genuinamente disciplinar. Em contrapartida, a psicopolítica neoliberal é marcada pela positividade. Ao invés de usar ameaças negativas ela trabalha com reforços e estímulos positivos. Ela aplica o “curtir” deixando registrado cuidadosamente os anseios, necessidades e desejos ao invés de “desgravá-los”. Han afirma que a psicopolítica neoliberal é uma política inteligente pois, busca agradar em vez de oprimir.

³ Filosofia que sustenta que a melhor maneira para impor as ideias radicais do livre-mercado é no período logo após ao de um grande choque.

No capítulo “*O amável grande irmão*”, o autor compara o Estado de vigilância criado por George Orwell em 1984 com o pan-óptico digital em que vivemos hoje. Antigamente a vigilância era feita fundamentalmente pelo clima de terror. Atualmente ela é feita através da aparência de liberdade e de comunicação ilimitadas objetivando a maximização do consumo. Ou seja, as relações deixaram de ser geridas pelo princípio da negatividade e passaram a ser geridas pela positividade. É despertado nas pessoas o desejo e a necessidade do consumo. A vigilância agora é travestida por uma forma amável e amigável. Ainda nesse contexto, no pan-óptico digital as pessoas se auto expõem fazendo a associação entre a comunicação e o controle. Para Han, cada um é o pan-óptico de si mesmo.

O nono capítulo, “*O capitalismo da emoção*”, aborda o estudo do ser humano por muitas disciplinas sobre o ponto de vista emotivo. As pesquisas apresentam palavras como emoção, sensação e afeto e muitas vezes os conceitos se difundem não sendo claro para os leitores. Han reforça e explica a diferença entre esses conceitos. Para o autor, o sentimento é constativo, não remete a uma estrutura intencional e pode ser durável. A emoção é dinâmica, situacional e performativa. Já o afeto é uma descarga imediata muitas vezes limitado a um instante. O título do capítulo apresenta a exploração dos significados mostrando que emoções também são vendidas no capitalismo do consumo. “*Através da emoção as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela apresenta um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo*” (Han, 2018, p. 68).

Já no capítulo seguinte, “*Gamificação*”, o autor trabalha a gamificação do mundo e, principalmente do trabalho, como forma de produtividade. “*O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando assim mais motivação*” (Han, 2018. p. 69). Os jogos possuem métricas para um sistema de recompensas e, com isso, geram uma sensação de realização nos jogadores. Utilizada no trabalho geram maior desempenho e rendimento. A tendência da gamificação é utilizada para o envolvimento do trabalhador. O jogador envolvido com suas emoções está muito mais envolvido que um trabalhador meramente funcional que atua apenas no nível racional.

Quanto às plataformas digitais utilizadas no compartilhamento de informações, Han traz o seguinte questionamento: “*Os big data*

serão realmente capazes não apenas de monitorar o comportamento humano, mas de sujeitá-lo a um controle psicopolítico?” (Han, 2018, p. 77). Os *Big Data* oferecem uma forma de visão ampla do comportamento digital das pessoas, oferecendo-as a quem quiser pagar por isso. Dessa forma, é possível definir classes de consumidores desejadas para o consumo.

Para responder ao seu próprio questionamento, Han divide o iluminismo em três partes. O primeiro é marcado pela razão. Nesta etapa, anulou-se a imaginação, a corporeidade e o desejo, onde este decréscimo o transformou em barbárie. O segundo iluminismo traz a proposta de transparência, onde tudo se transforma em dados e informações, criando até um fetichismo, ou totalitarismo de dados. O terceiro iluminismo, que está prestes a surgir ou até já surgiu, é o que deve trazer a percepção de que este iluminismo digital provoca dependência.

Han explora a questão do dataísmo, responsável por esvaziar o auto monitoramento de qualquer ética e verdade. O *quantified self*, o Eu Quantificado, é uma forma de autoconhecimento e de auto rastreamento através dos números. No entanto, *“Os números não contam nada sobre o eu”* (Han, 2018, p. 84). Neste conceito nasce o ser contemporâneo, o sujeito que se auto explora e se autovigia.

Com os *Big Data*, nossos hábitos digitais são milimetricamente guardados, quantificados, montando assim um perfil comportamental, podendo até representar de forma mais exata nossa imagem, até melhor da que possuímos de nós mesmos. Ou seja, este modelo pode tornar legíveis desejos do nosso inconsciente.

No capítulo *“Para Além do Sujeito”*, Han traz a percepção de Nietzsche, que defende que a naturalização do homem depende de sua *“disposição para o absolutamente repentino e entrecruzado”* (Nietzsche, apud. Han, 2018, p. 105). Algo além de qualquer cálculo e previsão. A psicopolítica neoliberal é um meio de dominação com base no controle psicológico. Para retirar a ideia de submissão, a psicopolítica faz com que a *“arte de viver como prática de liberdade”* (Han, 2018, p. 107) assuma a forma de uma despologização tornando o sujeito livre para viver em *“uma forma de vida que ainda não tem nome”* (Han, 2018, p. 107).

Han termina o livro sublinhando que o idiota é o verdadeiro indivíduo, é aquele ser desconectado, desligado e desinformado. O idiota possui opiniões desprendidas da realidade, o que o faz trilhar em caminhos distintos dos já estabelecidos. Assim, o idiotismo representa uma *práxis* da liberdade.

O livro busca mostrar como o sistema neoliberal transformou o indivíduo em explorador de si mesmo fazendo uso da sensação de liberdade. O autor, de uma maneira avassaladora, revela como a sociedade se abdicou da liberdade a favor da transparência. O poder que vigora nos dias atuais é um poder astuto, que se faz imperceptível. Ao refutar as ideias tradicionais sobre a ordem capitalista, Han planta uma semente de reflexão no leitor sobre o controle psicopolítico e digital.